

# Juruna fala a estudantes sobre índios e brancos

Em palestra ontem pela manhã, no Cineclube da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), o cacique xavante Mário Juruna debateu com centenas de estudantes, os problemas enfrentados pela comunidade indígena brasileira, a atuação da Fundação Nacional do Índio, a relação com padres, antropólogos, latifundiários, posseiros e a questão da terra no País.

Sobre a sua candidatura a deputado federal pelo PDT ele falou pouco, lembrando: "Quero lutar a sério pelo índio e ser preso e expulso com vocês, brancos, como aconteceu com tanta gente boa". A maior parte da palestra foi reservada à abordagem sobre as dificuldades dos índios, principalmente quanto à conservação das terras, "da caça, pesca, dos animais e das frutas".

## CHEGADA

O cacique chegou a Vitória anteontem à tarde, quando deu uma entrevista coletiva, explicando os motivos de sua candidatura. Na palestra de ontem, ele se dirigiu essencialmente a estudantes universitários, defendendo a idéia de que o Governo do Brasil

deve ser "escolhido pelo povo, pela massa pequena".

Contou, inclusive, porque não porta mais o gravador, antes usado frequentemente em suas entrevistas com autoridades dos governos Federal e estaduais. "Eu não usei mais porque não adiantava. Eram só promessas, eu voltava para pedir o que tinham falado que iam fazer e não conseguia. Desisti, então, do gravador".

Um dos temas mais abordados por Juruna foi a questão fundiária. Sua preocupação se volta principalmente para a promessa antiga do Governo Federal de ceder aos índios as escrituras e realizar a demarcação das terras. "Eu sou homem que conhece os índios, é índio e respeita índio. Por isso quero que dêem aos indígenas o direito de viver em calma em suas terras. O Brasil é dos indígenas", disse Juruna.

## LIDERANÇA

Sendo cacique xavante, Juruna começou a se destacar como liderança indígena depois de 1964, segundo ele próprio explicou. "Fui procurando as

autoridades para pedir alguma solução, mas a luta é difícil. E tem muitas pessoas querendo tirar a minha liderança. Falam que querem defender índio, mas sabem só defender os seus interesses", frisou.

Na opinião de Juruna, o Conselho Indigenista, a Funai, padres, antropólogos, têm prejudicado os índios, pois, "falam que querem ajudar, mas neste País tem muita ganância, fofoca, inveja. Quem tem muita leitura só sabe enganar os índios. Eu tenho estudo é na minha cabeça. E, quando lembro da época em que comecei a batalhar, me dá até um choque".

A sua escolha pelo PDT, explicou Juruna, ocorreu porque "em todo mundo, os problemas são os mesmos. O índio sempre recebendo poeira, tiro e massacre do branco. Logo depois que fui ao Tribunal Bertrand Russel, na Holanda, e cheguei de volta, a Funai começou a me colocar contra os índios e eu quase fui embora, mas depois pensei que assim os índios iam perder. E fiquei, e resolvi procurar um partido, procurei o Brizola".

## MULTINACIONAL

Juruna criticou a proliferação



Juruna criticou o Governo, a Funai, missionários, antropólogos, posseiros e latifundiários, entre outros.

de empresas multinacionais. Na sua opinião, deveria se determinar um prazo a partir dos próximos anos para as multinacionais deixarem de funcionar em terras brasileiras.

— Nós estamos só dependendo do estrangeiro. O país foi entregue às multinacionais, ele não é mais nosso. Isso tudo é culpa dos governadores do Brasil, pois eles não são pai do índio, do branco, do preto, do favelado, do pobre. Quanto sangue já caiu nesta terra e este Governo continua — ressaltou Mário Juruna.

O lucro das multinacionais, segundo ele, devia ser utilizado para o desenvolvimento do Brasil, "para ajudar a gente brasileira". Juruna chamou, inclusive, o povo

brasileiro de "escravos dos estrangeiros".

## EMANCIPAÇÃO E JARI

O projeto de emancipação indígena — do Governo Federal — não interessa a Mário Juruna, pois, segundo diz, "nunca vi direito de branco respeitado". Ele acredita que é mais vantajoso o índio continuar sob a tutela do Estado para "poder ter vida própria. Do contrário, lhe acontece o mesmo que com os brancos. A Polícia bate, mata".

Para ele, o projeto de emancipação é um grande perigo, pois diminui ainda mais o número de índios. "A riqueza do índio é a natureza da terra, da caça, é con-

servar a água, as frutas, os animais. Ele quer cultivar a terra e preservar a sua gente. O povo tem que entender que índio é independente, sempre foi, ele nunca vai aceitar ser mandado, nomeado, brechado", acrescentou.

Quanto ao Jari, ele disse não acreditar que o Governo tenha comprado a área da Amazônia de volta. "Tem tanta terra sobrando no Brasil e pouca gente pode ocupá-la, ela fica com um pouco que a explora e fica rico. O País tem muito minério, ouro, diamante, é muito rico, mas o Governo não aproveita a entrega a estrangeiros. E fica depois buscando dinheiro com americano, europeu e fica devendo muito dinheiro. Depois, ainda vende a gente para o estrangeiro", frisou Mário Juruna.

# Caciques xavante, tupiniquim e guarani debatem problemas

— Vim ver a terra. Vi o eucalipto, que está ocupando a terra que foi doada por D. Pedro II ao índio. Então, por que estes homens estão ocupando a terra do índio? Fico preocupado com a ocupação pois pensava que o índio fosse bem protegido no Espírito Santo. Pessoalmente, comprovei a ocupação por fazendeiro. O Governo tem que indenizar (os posseiros) pois o Estatuto do Índio diz que, mesmo existindo benfeitorias, eles têm que sair da terra do índio.

A declaração é do índio xavante Mário Juruna, cacique dos Xavantes, ao visitar ontem à tarde a aldeia dos Tupiniquims, em Caieiras Velhas, onde encontrou o cacique José Sizenando, de quem recebeu apoio para sua candidatura a deputado federal pelo PDT no Rio de Janeiro. O chefe xavante visitou ainda a povoação dos Guaranis, em Aldeia Nova, também no município de Aracruz.

## O ENCONTRO

O cacique tupiniquim estava na sua roça de milho, com um grupo de trabalhadores, a cerca de quatro quilômetros da aldeia, de onde veio para se encontrar com o líder xavante. Depois de um rápido banho ele se ajuntou com o xavante. Um pouco antes o cacique Mário Juruna ouvia as reclamações dos posseiros que ainda ocupam Caieiras Velhas.

Os posseiros reconhecem, como disseram ao xavante, que as terras que ocupam não são suas. "Somos donos apenas dos nossos direitos. Pelo que estamos vendo vamos sair de trouxa nas costas, quando a gente aceita sair para um outro terreno", disseram a Juruna. Este lembrou que os posseiros têm direito a ser indenizados pelo que fizeram, embora não possam ficar na terra e que a indenização cabe aos Governos Federal e Estadual. Cerca de 30 famílias de posseiros ainda estão na aldeia.

Ailton Lopes



Em Aldeia Nova, um encontro de duas gerações



Juruna, candidato, recebeu o apoio de Sizenando (D)

## SITUAÇÃO

Do cacique dos índios capixabas Mário Juruna ouviu a explicação da sua luta pela demarcação de terras, que literalmente colocou a tribo contra a Funai, que protelava a medida, e contra a Aracruz Celulose. Eles finalmente acabaram conquistando as suas terras e os seus 1 200 hectares estão hoje perfeitamente delimitadas e sob guarda dos próprios índios, que cultivam uma parte e pretendem estender estas culturas ocupando novos espaços.

O sr. José Sizenando explicou ainda, para justificar a posição de sua tribo, que há cerca de dois anos tomou a escola, o posto médico e um parque infantil dos bancos destinando-os para uso da tribo, que a medida foi tomada "contra o abuso, pois os posseiros diziam então que os índios eram preguiçosos".

— Lutamos pela demarcação das nossas terras e não estamos nos envolvendo com eles. Mas eles (os posseiros) foram estes dias a Vitória e pregaram mentira através de um jornal dizendo que estamos invadindo as casas deles. São eles que tem que lutar contra o governo e exigir os seus direitos. A gente sabe que eles tem direito a indenização, que o Governo deve pagar.

## FORO

Depois de repreender um jornalista, que aproveitando a aglomeração (junto com Juruna foi uma caravana de estudantes e alguns professores da Ufes) lhe perguntou por que ele havia se filiado ao PDT — "vim aqui para ver o problema do índio. Não vim para discutir partido, que é outra conversa", disse o xavante, recebendo aplausos — Mário Juruna afirmou que respeita quem comprou a terra (os posseiros) e quem tem as benfeitorias mas que "os índios estavam aqui primeiro. Sou contra o Governo do Estado, o Governo Federal, que vende a terra do índio".

"Quero me apresentar como candidato à Câmara Federal para lembrar os problemas do ín-

dio. Quero que o Governo respeite mais o índio. O Brasil está ficando cada vez pior estão grassando fome e sede. O índio é usado como instrumento, objeto", disse o cacique dos Xavantes. Ele lembrou que sua raça está sendo "lenta, gradual e seguramente destruída, reduzida em número".

"Quero lutar para preservar a comunidade indígena. Prometo falar a língua indígena (no Congresso Nacional); não sei se o branco vai entender. Mas se não entender então bote alguém que conheça a nossa língua". Ele, a seguir, perguntou ao cacique dos Tupiniquims como estava o trabalho do chefe do posto (sr. Oduvaldo Giron Mota), ao que o sr. José Sizenando respondeu que ia bem "e se tem algum erro, nós corrigimos logo".

## APOIO

"Nós damos todo apoio à candidatura do sr. A gente fica alegre com isto, pois os políticos daqui, os vereadores, dizem que só quem é índio é quem anda nu e quem come mandioca", disse José Sizenando a Mário Juruna. Foi então que o cacique dos xavantes lembrou que o índio estava na terra quando o Brasil foi descoberto e que é dono dela, mesmo que os Governos Federal e Estadual a vendam.

"O índio é dono primitivo da terra. Vem coronel, vem general, mas não encontra solução para os problemas da gente", disse Juruna. "Após todas as medidas tomadas pelos índios do Espírito Santo — para a demarcação de suas terras, voltando a lembrar que o posseiro não pode sair no bico da botina e tem que ser reassentado, pois existe terra de sobra no Brasil".

"O Governo deve fazer acordo com o posseiro. Deve fechar a terra indígena e dar escritura ao índio. Para as tribos que não foram contactadas é preciso que suas terras sejam transformadas em reserva indígena", disse o xavante. Ele lembrou ainda que os posseiros devem recorrer ao Governo Federal, procurar o Incri e formar uma cooperativa.

Ailton Lopes

## ALDEIA NOVA

Dali o cacique xavante e sua comitiva seguiram, levando como convidado o sr. José Sizenando, para Aldeia Nova, onde o grupo de Guaranis mantém intacta a sua cultura e conquistou pouco mais de 50 alqueires de terras, que eles demarcaram depois de muita luta contra a Aracruz Celulose e "contra os brancos".

Em Aldeia Nova, que deslumbrou os estudantes pela beleza da região — apesar da miséria em que vivem os índios — a comitiva andou um pouco mais: foi até o alto de um morro, onde o cacique dos Guaranis, sr. João dos Santos, disse que a principal reivindicação da tribo é que sejam definitivamente confirmadas para os índios as suas terras, em ato jurídico que não permita dúvidas.

## PROVIDÊNCIAS

O sr. Oduvaldo Giron Mota, chefe do Posto, afirmou que a Fundação Nacional do Índio (Funai), a quem por lei cabe resguardar o interesse dos índios, fez um contato com o Governo do Estado e com a Prefeitura de Aracruz, pedindo ajuda para reassentamento dos posseiros da região.

Ele explicou que será feito um segundo levantamento da situação, quando deverá ser indicada uma área para transferência dos posseiros. "Acredito numa solução ainda para o primeiro semestre. Este é o interesse da Funai".

Para ele, a decisão deverá sair este ano, pois o atual Governo se extingue no início de 1983. Para cumprir os seus compromissos neste sentido a solução teria que ser dada logo. Uma das áreas que poderia servir para reassentar os posseiros seria Vila do Riacho, mas esta hipótese parece ter sido descartada. Durante a visita do cacique Mário Juruna a seus irmãos índios, a Polícia Federal o acompanhou ostensivamente, não se sabendo a razão da medida.

Ailton Lopes



Curiosos acompanharam Juruna até as aldeias